

INTRODUÇÃO

Há mais de quinhentos anos a língua portuguesa foi trazida ao Brasil. Nos séculos XVI a XVIII foi rotulada como *o português no Brasil*, pois era inteiramente lusitana, e não tinha superado as línguas indígenas. A partir do século XIX, a língua portuguesa tornou-se majoritária, começou a distanciar-se do português europeu, sendo então denominada *português do Brasil*. A partir dos anos 80 do século XX, suprime-se a preposição *do*, e começamos a falar em *português brasileiro*. Sinaliza-se com isso que novos distanciamentos tinham ocorrido, servindo a expressão para designar a identidade linguística dos brasileiros.

Esta *Nova Gramática do português brasileiro* agrega um certificado a mais à nossa identidade. Não se trata de um certificado qualquer, pois é na língua que se manifestam os traços mais profundos do que somos, de como pensamos o mundo, de como nos dirigimos ao outro. Faltava clarificar a gramática do português brasileiro, para dar status científico à sua percepção. É o que tento fazer neste livro, fruto de cinquenta anos de pesquisas, desenvolvidas nas três universidades oficiais paulistas (Unesp / Marília, Unicamp, USP) e nas universidades do exterior em que realizei estágios de pós-doutorado (Universidade de Lisboa, Universidade de Coimbra, University of Texas at Austin, Cornell University, University of California / San Diego, Georgetown University, Université d'Aix-Marseille, Università degli Studi di Padova).

Não se trata, entretanto, de uma gramática escolar usual, delas se afastando pelas seguintes características:

Esta não é uma gramática-lista, cheia de classificações, em que não se vê a língua, mas uma gramática.

Em lugar disso, procuro olhar o que se esconde por trás das classificações, identificando os processos criativos do português brasileiro que conduziram aos produtos listados.

Esta não é uma gramática atórica. Nada poderemos fazer em matéria de pesquisa linguística se não dispusermos de alguma teoria, pois lidamos com um objeto escondido em nossas mentes.

Teorias linguísticas há muitas. Mas faz falta uma teoria que postule a língua em seu dinamismo, como um conjunto articulado de processos. Enfrento esta questão nesta gramática. Quando falamos ou quando escrevemos, uma intensa atividade é desencadeada em nossas mentes. Isso ocorre

com enorme rapidez, acionando quatro sistemas linguísticos, cada um deles configurado por um elenco de categorias: o léxico, a semântica, o discurso e a gramática. Esses sistemas são articulados pelos princípios sociocognitivos que regem a conversação, a mais básica das atividades linguísticas.

A teoria multissistêmica aqui exposta tem um forte conteúdo funcionalista-cognitivista. Reconheço que ainda é impossível descrever todos os movimentos mentais envolvidos na atividade linguística. Mas não há dúvida de que em cada som emitido, em cada sinal gráfico lançado ao papel, toma corpo um enorme conhecimento linguístico que foi ativado, permitindo o milagre da compreensão mútua por meio de tão poucos sons e letras, e de tão escassas palavras e construções. Para visualizar esse conhecimento, precisaremos valorizar os indícios da maquinaria linguística. O objetivo das boas gramáticas é desvelar o conhecimento linguístico armazenado na mente dos falantes, desde o cidadão analfabeto até o escritor laureado.

As gramáticas resultam habitualmente do trabalho individual, fundamentando-se na língua literária. Também aqui esta gramática tomou outro rumo.

Para começo de conversa, não acho que os escritores trabalham para nos abastecer de regras gramaticais. Eles exploram ao máximo as potencialidades da língua, segundo um projeto estético próprio. Ora, as regularidades que as gramáticas identificam devem fundamentar-se no uso comum da língua, quando conversamos, quando lemos jornais, como cidadãos de uma democracia. Isso não exclui a fruição das obras literárias, mas é uma completa inversão de propósitos fundamentar-nos nelas para descrever uma língua.

Por outro lado, as línguas são tão complexas, que é impossível trabalhar solitariamente em sua análise. Levando isso em conta, os linguistas brasileiros conceberam a partir da década de 1970 grandes projetos coletivos, produzindo textos multiautorais. Basta lembrar o mais ambicioso e o mais produtivo dentre eles, o Projeto de Gramática do Português Falado, cuja realização propus em 1988. Atuaram nele 32 pesquisadores experientes, recrutados em 12 universidades brasileiras, e divididos em 5 grupos de trabalho. Inicialmente, foram publicados os ensaios produzidos por esses grupos, em oito volumes: Castilho (org. 1990, 1993), Castilho / Basílio (orgs. 1996), Ilari (org. 1992), Kato (org. 1996), Koch (org. 1996), Neves (org. 1999), Abaurre e Rodrigues (orgs. 2002). A partir de 2003, teve início a consolidação dos ensaios nos cinco volumes da *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*: Jubran e Koch (orgs. 2006), Ilari e Neves (orgs. 2008), Kato e Nascimento (orgs., 2009), Rodrigues e Alves (orgs., no prelo), Abaurre (org., no prelo).

A presente gramática se insere nesse quadro de preocupações. Filtrei aqui as pesquisas das últimas três décadas a partir de uma ótica própria, propondo seguidamente ao leitor que se envolva nas pesquisas, transformando-se no linguista-gramático dele mesmo. Seguindo esse impulso, esta gramática dá voz a muitos desses pesquisadores, tanto quanto às aulas que fui ministrando ao longo de 47 anos de magistério. Meus alunos me ajudaram muito, com sua curiosidade e com sua recusa a explicações não convincentes. Havia também uns poucos tomados de um grande tédio. Esses também me ajudaram, pois me mostravam que a aula estava um bocado chata. Ora, não temos o direito de dar aulas chatas.

O ritmo expositivo de nossas gramáticas adota o que se poderia chamar de “estilo revelação”. O gramático se transforma numa espécie de Moisés que desce dos altos montes e revela aos povos estupefatos... o que está certo e o que está errado em sua linguagem! Também aqui me distanciei disso.

Imaginei para tanto a seguinte estratégia: compus dois textos articulados, um expositivo, e outro indagativo. Na exposição, falo eu, interpretando os achados da ciência atual. Nas indagações, falam os leitores, por meio das perguntas que imagino que eles estejam formulando. Nossos diálogos imaginários vão em itálico, intercalados no texto expositivo.

O objetivo dessa estratégia é transformar os leitores numa espécie de coautores, recusando que entre eles e a língua que praticam seja obrigatória a interposição de um intérprete, de uma espécie de despachante para problemas gramaticais. Para dar conta desse lance meio calvinista, apresentei perguntas e mais perguntas nestas páginas, ao lado de informações sobre o conhecimento disponível e o fornecimento de pistas sobre como achar novas respostas. Para evitar uma aborrecida listagem de opiniões, que poderia obscurecer o objeto, optei por interpretar os resultados obtidos à luz da já mencionada teoria multissistêmica da língua.

Depois disso, apresento algumas generalizações sobre o retrato do português brasileiro assim obtido. Novas perguntas conducentes à reflexão gramatical foram formuladas no capítulo 15.

As línguas naturais são o ponto mais alto de nossa identidade como indivíduos e como participantes de uma sociedade. Que o digam os quinhentos mil visitantes anuais do Museu da Língua Portuguesa localizado em São Paulo! Tem sido proveitoso testemunhar a emoção desses visitantes por se verem ali representados, por toparem ali com sua identidade. De certa forma, todo mundo sai meio linguista daquelas instalações.

Por fim, pretendo com esta gramática acrescentar um elo a mais na longa tradição das gramáticas de referência, mesmo quando delas me afasto. Esta é uma atividade duas vezes milenar na civilização ocidental, velha de quase meio milênio no domínio da língua portuguesa, quando Fernão de Oliveira publicou, em 1536, nossa primeira gramática. Deixando de lado uma bisonha repulsa aos achados da Gramática tradicional, este livro mostra como as pesquisas linguísticas, na verdade, aprofundaram e enriqueceram esses achados, operando a partir de princípios e aplicando uma metodologia segura. Ou seja, a oposição “linguista *versus* gramático”, bastante cultivada nas décadas de 1960 e 1970, fase em que a Linguística moderna se implantou no Brasil, foi superada pela pesquisa científica. Gramáticos aprimoraram sua formação. Linguistas passaram a ocupar-se com a redação de gramáticas. E todos viveram felizes para sempre.

O público-alvo desta gramática são os professores do ensino médio, os alunos do curso superior, os professores universitários de Linguística Geral e de Linguística do Português Brasileiro, e as pessoas que se sintam atraídas pelo mistério das línguas naturais.

Devo muito às agências de fomento, que me deram condições para a realização deste trabalho, financiando pesquisas no Brasil, e de pós-doutoramento em Portugal (1969), Estados Unidos (1981, 1995, 2000, 2004, 2007), França (1990) e Itália (1997). É de justiça que as enumere: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), Comissão Fulbright, Coordenadoria de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior (Capes) e Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq). Mas devo destacar a Fapesp, que financiou os projetos cujos resultados deságuam nestas páginas: Projeto da Norma Urbana Linguística Culta de São Paulo, Projeto de Gramática do Português Falado, Projeto de História do Português de São Paulo.

Manifesto igualmente minha gratidão aos colegas que leram e criticaram diferentes capítulos, ajudando-me a melhorá-los com seu conhecimento: Carlos Mioto, Leda Bisol, Maria Eugênia Lamoglia Duarte, Maria Luiza Braga, Mary A. Kato, Mílton do Nascimento, Roberto Gomes Camacho, Verena Kewitz. Um agradecimento muito especial a Rodolfo Ilari, que leu todos os capítulos e me ajudou a errar menos. Reconheço também o trabalho atento da preparadora Daniela Marini Iwamoto, entre outros profissionais da Editora Contexto, que me foram de grande ajuda. Desnecessário dizer que os erros remanescentes são de minha inteira responsabilidade.